

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Curso de Teatro

ATELIÊ ESCOLA: um espaço de criação e fruição estética

Maria Goreti do Nascimento Pereira

Área de concentração: Teatro

Linha de pesquisa: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

UBERLÂNDIA, DEZEMBRO DE 2016

ATELIÊ ESCOLA: um espaço de criação e fruição estética

MARIA GORETI DO NASCIMENTO PEREIRA

Orientadora: RENATA MEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Prof-Artes do departamento de Pós-Graduação em Teatro, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU - em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Teatro, linha de pesquisa Abordagens Teórico-Methodológicas das Práticas Docentes.

Uberlândia, dezembro de 2016

Maria Goreti do Nascimento Pereira

Ateliê Escola: um espaço de criação e fruição estética

Avaliado em _____ com conceito _____ pela banca
examinadora da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Profª Renata Meira
Orientadora

Profª Inês Karin Linke Ferreira
Examinadora externa

Profª Paulina Maria Caon

Examinadora interna

As relações humanas nos mostram o quanto somos e o quanto podemos ser. Todas são importantes numa trajetória de pesquisa e reconhecimento, mas algumas são imprescindíveis.

Especialmente à Renata Meira que me orientou com afetos e provocações, agradeço a confiança e compreensão.

Gratidão aos alunos, funcionários e professores que compõem, refletem e dinamizam o local de pesquisa deste trabalho.

Aos amigos que estiveram comigo nesta caminhada de dois anos e que, pacientemente, ouviram as reverberações da pesquisa no meu processo docente.

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é a possibilidade de equipar, gerenciar e usufruir um espaço, o “Ateliê escola”. O espaço tem como objetivo tornar-se um ambiente propício à criação artística e desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos que transitam diariamente na escola. Está alicerçado na ação prática em edificar e gerenciar as atividades tanto quanto compreender os diálogos possíveis com os frequentadores da escola.

O Ateliê atenderá os alunos matriculados, docentes e funcionários da escola, oferecendo-se como um lugar disponível a criação, reflexão e apreciação de atividades e trabalhos artísticos. Foi pensado para satisfazer uma necessidade educacional, cultural e artística, compondo ao ambiente escolar e se integrando ao calendário letivo.

A conceituação do mesmo está alicerçada nas reflexões que Gaston Bachelard propõe sobre os diversos espaços que ocupamos e a forma como o fazemos. Ainda sobre um ponto de vista dos espaços e somando as relações geridas pelos homens, em alguns espaços determinados, temos como referência os estudos de Michel Foucault que nos revela como se dá a consolidação de regras e relações de poder em determinados espaços que tem como premissa a (re)educação e a adequação aos pactos sociais. Aproximaremos a pesquisa aos conceitos do movimento da Escola Nova, bem como alguns modelos de escolas e pedagogias, que trilharam com o mesmo princípio de uma educação para a autonomia.

A escrita adquire certo tom confessional, dado que ela evolui como reflexão e ação ao mesmo tempo, estando ainda muito afetada pelos rumos que estão sendo trilhados. Esta é uma das características da pesquisa-ação, termo criado por René Barbier para apontar uma metodologia de pesquisa que funde o pesquisador ao objeto pesquisado, e torna-se ainda mais delicado quando o objeto está passível a evoluções constantes, como é o caso das relações humanas e os produtos culturais e/ou artísticos.

A pesquisa, que teve início em 2014, vem conquistando objetivos a longo e curto prazo devido, principalmente às mudanças ocorridas na gestão da escola que possibilitou novos diálogos e ações. A cada nova mudança, as ações e os planejamentos eram reavaliados com a finalidade de preservar o objeto de estudo desta pesquisa. A consolidação do espaço Ateliê Escola, como espaço físico e como espaço de

construções artísticas, vem acontecendo de forma gradativa e tem mostrado mais expressão no âmbito das relações criadas entre docentes/ discentes/ família, favorecendo o diálogo, a comunicação e a valorização das potencialidades dos envolvidos.

Atualmente o espaço Atelier Escola está acomodado numa sala onde tem aulas regulares da disciplina de Artes nos horários da manhã e tarde; faz empréstimo de materiais plásticos para criações artísticas dos alunos; recebe pessoas em tempo vago para livre apreciação; abriga docentes que procuram um local silencioso para fazer suas tarefas, bem como alunos em aula vaga; acomoda livros e instrumentos musicais para livre uso; é sede dos estudos de violão e local de ensaio e exposição de trabalhos artísticos dos alunos. Sua potencialidade é infinita e esculpida por todos que a usam, desta forma, o Atelier é, também, um lugar que fabrica desejos e sobretudo ilumina a ideia de criação.

PALAVRAS - CHAVE

Atelier; Educação pública; fruição estética; criação artística; práticas alternativas; nova escola; pesquisa-ação.

ABSTRACT

The object of study of this research is the ability to equip, manage and enjoy a space, the "Workshop School". The space aims to become an environment conducive to artistic creation and development of the potential of individuals who pass daily in the school. It is rooted in practical action to build and manage the activities as much as possible to understand the dialogues with school goers.

The workshop will serve the enrolled students, teachers and school staff, offering themselves as a place available the creation, reflection and appreciation of activities and artwork. It was thought to satisfy a need for educational, cultural and artistic, composing the school environment and integrated to the school calendar. The concept of it is based on the reflections that Gaston Bachelard proposes on the various spaces we occupy and the way we do. Even on the point of view of space and adding relationships managed by men in some certain areas, we have reference to the studies of Michel Foucault that reveals how is the consolidation rules and power relations in certain areas that is premised (re) education and suitability to social pacts. We approach the research to concepts of the movement of the new school, as well as some models of schools and that they did walk with pedagogies same principle of an education for autonomy.

Witing acquires a certain confessional tone, as it evolves as reflection and action at the same time and being still very affected by the directions that are being pinched. This is one of the features of action research, term coined by René Barbier to point a research methodology that fuses the researcher to the researched object, and

becomes even more delicate when the object is subject to constant changes, such as the human relations and cultural and / or artistic products.

The research, which began in 2014, has won the long and short-term goals due mainly to changes in the management of the school which allowed new conversations and actions. With each new change, the actions and plans were reassessed in order to preserve the object of study of this research. The consolidation of the workshop school space as physical space and as a space for artistic constructions, has been going gradually and has more expression in relations created between teachers/ students / family, favoring dialogue, communication and the exploitation of the potential of involved.

Actually the Space Atelier School is accommodated in a room where regular classes of Arts course in the morning and afternoon; makes loan plastics for artistic creations of students; welcomes people in spare time for free assessment; home teachers looking for a quiet place to do their activities as well as students in no class; accommodates books and musical instruments for free use; It is home of guitar studies and test site and display artwork of students. His potential is endless and sculpted by all who use it in this way, the Atelier is also a place that makes wishes and especially illuminates the idea of creation.

KEYWORDS

Atelier; Public education; aesthetic enjoyment; artistic creation; alternative practices; new school; action research.

INTRODUÇÃO

Diante do ambiente estéril e sem cor da maioria das escolas, onde ordem é a palavra que ecoa pelos corredores, onde dado o sinal alunos e professores entram numa correria frenética em busca de outro ambiente, onde muito é ensinado e pouco é apreendido, onde o tempo é sempre pouco para as vivências, onde a maior parte das pessoas não deseja estar na escola, uma pergunta me vem à mente: o que fazer para tornar a escola um lugar mais agradável e potente no sentido de contribuir para o melhor desenvolvimento das aptidões dos sujeitos? Essa pergunta leva em consideração que todos no ambiente escolar estão propensos a apreender, não apenas o aluno. Esse desconforto em estar na escola foi observado ao longo dos 30 anos frequentando diferentes escolas ora como aluna ora como educadora. Observar e refletir sobre a pouca empatia que o ambiente escolar proporciona a comunidade e ao alunado, foi a premissa na elaboração da hipótese deste projeto que investiga o impacto de produções artísticas promovidas por um espaço próprio à criação, bem como a própria construção deste espaço, o Ateliê Escola.

A pesquisa é um recorte da realidade do ensino público estadual do estado de São Paulo, apresentada por uma escola de ensino fundamental I, II e ensino médio, seguimentos aos quais atuo desde 2014. A realidade apresentada nesta unidade reproduz dificuldades e conquistas que se assemelham com outras unidades espalhadas por nosso país, mas não pretende pôr-se como uma verdade única. Existem, de fato, semelhanças nos gerenciamentos dos órgãos educacionais públicos, tanto quanto existem ações que as diferenciam completamente. Em outra perspectiva de visão a mesma escola pode se apresentar como acolhedora e assistencialista, visto que cumpre, também, a função de abrigar e dar suporte para inúmeras famílias. O ponto central desta introdução é que a escola de referência está viva e, portanto, afeta e é afetada por ações que são propostas a partir da convivência e do trabalho integral como educadora/ pesquisadora.

O objeto de estudo é a construção do Ateliê Escola, espaço que remonta as funções primordiais em um processo de construção artística, servindo como suporte para experimentações estéticas, exposições de materialidades, reflexões sobre forma-conteúdo, apreciações de obras de arte, entre outros, comumente associados à linguagem das artes plásticas, mas estimulantes às demais linguagens. Desta forma o Ateliê terá materiais táteis, cênicos, sensoriais, expressivos e propícios a apreciação e criações artísticas diversas.

A constituição deste espaço está alicerçada nos distintos grupos que a usarão, pois se personifica além da sala de aula concreta, estende-se às relações e principalmente aos desejos dos envolvidos. Espera-se que os grupos de alunos possam usá-la tanto quanto os professores, servidores e quem mais se sentir atraído pelo espaço.

No início deste ano a escola acordou que as salas regulares seriam transformadas em salas temáticas, abrangendo todas as disciplinas oferecidas nos ciclos, somando as ações, que já vinham acontecendo em espaços abertos como o jardim, por exemplo, ao espaço físico com suporte para ensaios e criações diversas. Nesse sentido é um espaço estimulador de potencialidades, um espaço para criar sem preocupações com acertos, onde o indivíduo possa se experimentar entrando em contato com materiais e sensações pouco usuais no ambiente escolar e, com olhar mais ampliado, um espaço onde

possamos nos experimentar em grupo a partir de novos códigos de comunicação.

RECONHECIMENTO DAS ESTRUTURAS (DES) NECESSÁRIAS

Minha formação escolar foi na rede pública de ensino, passando por escolas municipais e estaduais. Muito cedo compreendi que o espaço escolar era um espaço árido, prédios que abrigavam os alunos por determinadas horas do dia com o propósito de formar bons cidadãos. Contrário à aridez do espaço escolar, foi nestas instituições que passei os momentos mais belos do meu desenvolvimento, as crises dos ciclos de amadurecimento, a potência do afeto, o sabor da paixão, a atitude política pontual e generalizada, a impotência, a injustiça, a generosidade e, com certeza, a esperança, pois foi (também) nesse ambiente com profusão de credos e regras que formei meu gosto por educação. A escola esteve e ainda está presente, perpassando e atravessando toda uma experiência de vida, formando e transformando minha identidade. É um lugar latente, vivo e repleto de controvérsias, pois está, desde seu princípio, adequando-se as mudanças culturais e sociais, mediando aprendizagens e reconstruindo-se incansavelmente. Os conflitos de gerações, os desejos, as possibilidades, os aprendizados foram marcantes tanto quanto o são para os jovens que as frequentam na atualidade.

As escolas que frequentei tinham aspectos iguais a escola que minha mãe frequentou, que por sua vez, não tem grandes mudanças em relação a escola que trabalho atualmente e, vislumbro que meus sobrinhos ainda estudarão num padrão bem parecido com esse histórico. Em termos de valores a escola que descrevo recebe cada vez mais uma sociedade inquietante e crítica que tenta dialogar com o espaço rígido que a escola historicamente assume e que revela a todos os interessados o quão necessário é pensar a escola de uma forma diferente.

A política educacional do país que marcou meados e fim do séc. XX, sob a perspectiva do interesse econômico para a formação das pessoas, deu início a um intenso processo de alfabetização nacional, no qual foi necessário criar ambientes para educar a nação e, nesta atmosfera, surgiram os prédios escolares, negligenciando, de certa maneira, a forma como se daria na prática o convívio de interesses. A de se observar que alguns interesses mudam com a dinâmica da sociedade. Se no início do séc. XX havia, por exemplo, dez alunos por sala habitando amplamente o espaço, em meados do mesmo século as salas de aula já se encontravam lotadas, afetando diretamente a metodologia de ensino e o gerenciamento dos espaços.

Do espaço físico à logística de gerenciamento de uma escola, vemos indícios da formação que estamos oferecendo a nossa sociedade e, neste campo de investigação, sobre a *constituição do sujeito*¹ esta pesquisa torna-se interessada, visto que a formação escolar está atrelada a formação do ser, pois transcorrem por sua infância, adolescência e vida adulta. A constituição do sujeito diz respeito à formação dos indivíduos de uma sociedade, onde os costumes e cultura influenciam-no ao mesmo tempo em que são reforçados pelos próprios indivíduos, diz respeito, sobretudo, às coisas que formam nossa percepção de mundo. Michel Foucault, ao analisar as relações de poder na sociedade, evidencia alguns ambientes onde ocorrem com mais clareza a perversidade humana. Ambientes criados com a finalidade de ensinar e educar para uma sociedade equilibrada, cuja finalidade seria inculcar uma moral à população que fosse possível afastar o indivíduo da natureza selvagem e guiá-lo, assim, a uma natureza crítica e racional. Três ambientes foram minuciosamente estudados por Foucault (2004), a constar: o hospital psiquiátrico, o presídio e a escola. Lugares aparentemente distintos, mas gerenciados a partir de uma perspectiva comum, um tanto sádica e perversa.

¹ Referência a Michel Foucault, filósofo francês do séc. XX que contribuiu para a reflexão sobre as relações humanas na sociedade. Entre os diversos estudos publicados, a reflexão a cerca da *constituição do sujeito*, onde há presente uma tensão entre o sujeito ativo e passivo, conforme as circunstâncias foram e ainda são referências para reflexões nas mais diversas áreas. O uso do termo é aqui colocado para nos referirmos a que tipo de formação estamos possibilitando aos jovens; se de fato eles se colocam como sujeitos ativos na aprendizagem, investigando, argumentando e construindo valores ou se oferecemos uma cartela de qualidades para revestirmos estes mesmos, que passam a ter desde muito cedo, atitudes passivas que os definem como seres amorfos, passíveis a ser moldáveis e taxados por outros.

Sendo a escola nosso campo de pesquisa-ação (BARBIER, 2002) e sabendo que essas instituições são, desde seu surgimento, uma hipótese de construção de sociedade justa, há de se refletir continuamente sobre a importância de seu papel na concepção de valores sociais, mas ainda mais urgente é a prática de medidas alternativas que dialoguem com a discussão da escola contemporânea que precisamos construir; como fazer; que rumos tomar; que estrutura é necessária e quais aspectos enraizados são desnecessários nessa construção.

Se por um lado, a escola desde seu surgimento vem propondo mudanças na sua organização, por outro, as ações sempre estiveram aquém da necessidade do presente, criando insatisfações e certo descrédito no ensino público formal. Essas observações e questionamentos são base das reflexões propostas pelo movimento Escola Nova, surgido no início do séc. XX na Europa e posteriormente no Brasil. O movimento permitiu que surgissem modelos e pedagogias distintas no cenário educacional, alguns de referência nesta pesquisa. A Escola Nova apontava para o novo. Acreditavam que para termos uma boa sociedade, era preciso uma boa escola, que libertasse ao invés de condicionar o pensamento, partiam da premissa que a sociedade é dinâmica, assim como seus valores, porque então, não os seriam a base da nossa formação, a educação?

Para QUE e a QUEM serve o ambiente escolar público, tal como se revela na contemporaneidade? Que qualidade de cidadão pretende-se evidenciar com nosso modelo atual de gestão educacional? No que se referem ao prédio público, suas potencialidades são estimuladas na medida do quanto precisamos e desejamos? Há possibilidade de inserir, diretamente na escola, metodologias diferentes e práticas de gestão que satisfaçam as especificidades do ambiente escolar?

Estas perguntas se revelaram conforme as leituras e ações na escola foram se tornando concretas, e logo as identifiquei como reflexões que atravessam minha prática como docente e cidadã. São perguntas provocadoras que mediam e estimulam ao mesmo tempo este processo de pesquisa-ação, instigando a observação ativa no ato do acontecimento. As respostas virão como consequência da prática do Ateliê no cotidiano, nas relações familiares com comunidade escolar e equipe gestora, e fundamentalmente

na própria afetação que a Arte provoca nas pessoas, conseqüentemente nos ambientes (BACHELARD, 1988).

Partindo de perguntas e reflexões para ambicionar mudanças necessárias, somado ao desejo de criar espaço para ensaios e criações artísticas bem como construir lugares de afetos no ambiente escolar, foi se formulando a ideia de um espaço físico apropriado as criações, um espaço inspirado nos modelos de ateliês, devido primordialmente às características que o qualificam como local apropriado às experiências estéticas e artísticas. O Ateliê escola visa servir como suporte de pesquisa de poéticas pessoais, ensaios, livres criações, trabalhos da disciplina de Artes, estudos avançados nas linguagens da arte (música, cinema, desenho, fotografia, entre outros), local de empréstimo e pesquisa de obras impressas, prática de exposições e apresentações de materiais feitos por alunos, privacidade para apreciação de obras artísticas, entre outros estudos que requerem suporte para ferramentas como: pincéis, caixa de som, tecidos, papéis, cenários, etc..

A pesquisa se caracteriza como pesquisa-ação², conceito desenvolvido por René Barbier no qual o pesquisador faz parte do objeto pesquisado, há intencionalidade na transformação de uma realidade, possuindo assim um duplo objetivo: transformar a realidade e produzir conhecimentos relativos a essas transformações. Nas próprias palavras de Barbier ele esclarece que

“O trabalho de implicação do pesquisador em ação o conduz, inelutavelmente, a reconhecer sua parte fundamental na vida afetiva e imaginária de cada um na sociedade. Ela requer do pesquisador ser mais que um especialista: por meio da abertura concreta sobre a vida social, política, afetiva, imaginária e espiritual, ela faz um convite para que ele seja verdadeiramente, e talvez, tão simplesmente, um ser humano.” (BARBIER, 2007, pág. 17).

O local de referência da pesquisa é uma escola estadual situada num bairro tradicional de São Paulo, Mooca, no qual atuo como professora efetiva em estágio

² Pesquisa ação é uma abordagem metodológica de pesquisa que surgiu na década de 50 nos Estados Unidos. René Barbier esclarece, em seu livro *Pesquisa ação*, que esta abordagem é mais justa com todos os envolvidos, pois leva em consideração as subjetividades próprias dos sujeitos e das relações criadas.

probatório³ na disciplina de Artes nos anos iniciais, num ano crítico em que o setor da educação sofreu drásticos cortes financeiros e de reorganização escolar, devido a crise econômica que afeta, também, o Brasil. Neste ano de incertezas econômicas, a área da educação foi a que teve os piores cortes de verbas, afetando diretamente o quadro de funcionários, os projetos educacionais em andamento, as reformas anuais necessárias no prédio escolar, a reposição de materiais usados em aulas, entre outras ações urgentes que nos foram negadas. Diante tantas incertezas é compreensível que o quadro de funcionários e docentes pudesse ser modificado abruptamente, rompendo assim laços psicopedagógicos e sociais adquiridos na trajetória, dificultando em certa medida a continuidade dos projetos.

Atuando em 2014 e 2015 com os anos iniciais, a continuidade das práticas foi transferida para outro ciclo, o ensino médio. Turno diferente, outros alunos, novos vínculos a serem feitos, novas metas, a mesma pesquisa, porém com ampliação do campo de visão, pois agora o vínculo direto e constante será com os adolescentes. No próximo ano pode ser que esta realidade mude novamente, pois não há escolha definitiva por parte do professor em estado probatório a respeito do turno ou das salas com quem planeja trabalhar. Outro fator importante neste processo de elaboração e concretização da pesquisa revela que as conquistas alcançadas são construídas a partir do respeito e admiração mútua dos envolvidos e que as relações de confiança são determinadas por um tempo que está além dos sujeitos, um tempo próprio das relações. Se por um lado as relações podem determinar o caminhar das ações, o contrário também acontece onde as ações fortalecem os laços de confiança e abre novas oportunidades para o ‘caminhar juntos’.

Entre vontades, confianças e diversas ações, a escola nos ofereceu a princípio uma sala própria as atividades artísticas e, antes mesmo de encerrarmos o ano de 2014,

³ Estado probatório é um período de adequação e conhecimento do funcionamento da empresa cuja finalidade é a contratação efetiva do funcionário. Na rede pública há um curso online, extenso, constituído por módulos temáticos e perguntas, onde o servidor, que está em exercício, é obrigado a atingir 80% das respostas sob a ameaça de reprovação. No estado o probatório dura três anos e teve início juntamente ao meu ingresso no Profartes em agosto de 2014. Consta neste período a avaliação da equipe gestora e dos docentes quanto ao trabalho do novo profissional, bem como um curso de ingresso, com carga horária de 240h semestrais. A situação avaliativa do profissional estimula alguns gestores e coordenadores a tomarem posturas coercitivas, conhecendo e testando o ingressante.

as mudanças financeiras e de pessoal impediram que a sala fosse adquirida. Logo, todas as atividades decorridas entre meados de 2014 e transcorridas por 2015 ocorreram sem uma sede fixa. Aconteciam de forma ‘mambembe’ no sentido de explorar novos locais e atrair a atenção do máximo de pessoas. Era necessário sair da sala tradicional, visitar os jardins da escola, os espaços reservados ao nada, o enorme estacionamento repleto de ótimos esconderijos, fazer exercícios cênicos no pátio central, habitar os degraus da escola, sentar-se ao sol para contação de histórias, era preciso estabelecer o conceito da pesquisa que é desenvolver-se artisticamente por meio do poder do encontro. E sem demora começamos as produções artísticas na escola, objetivando que a consolidação das experimentações se fizesse entender ao corpo administrativo e aos familiares dos alunos, pois assim teríamos mais envolvidos no projeto.

CRIAÇÃO DE ESPAÇOS AFETIVO-CRIATIVOS

Entre as inúmeras ações educativas e artísticas, recorrentes de um Ateliê, algumas fizeram parte do nosso plano de aula (os monstros do imaginário, por exemplo, onde o Ateliê foi usado como sede dos encontros e na sequência os monstros saíram do Ateliê para outros ambientes da escola), outras se estenderam além das salas (a pintura do corredor que leva as salas dos alunos do ciclo I) pelos corredores, pátios, jardins, estacionamento, quadra de esporte, acontecendo durante e além do período de aula, sempre com o norte de conhecer e usufruir os espaços existentes da escola. Dentre os alunos que participaram das ações estão alguns do ensino médio, (seguimento a qual atuei apenas em 2016) que diante minha presença assídua e prolongada na escola, reconheceram em mim uma proveitosa parceria.

Estar na escola, além do meu período de trabalho, foi uma proposição para conhecer o ambiente escolar dentro do prisma da pura observação, colocando-me a disposição para conversas, caminhadas, refeições, orientações, entre outras proposições. Durante o segundo semestre de 2014 e todo o ano de 2015 habitava a escola de forma livre, conhecendo melhor os espaços, as pessoas, os alunos de outro turno, os lugares de afeto

e pude notar que este simples ato era revolucionário na atual conjuntura, pois era oposto ao que todos os funcionários e estudantes desejavam: todos corriam da escola ao passo que eu me estendia nela, habitava-a descompromissadamente. Se por uma via, a demanda em conhecer o funcionamento das relações na escola era uma premissa para a pesquisa, em outra instância havia o desejo em transformar meu período extra em produção artística, uma produção gerada por e na escola. Notei que não havia lugar físico onde nós pudéssemos explorar, criar, ver e discutir arte. O prédio escolar não tinha atrativos estéticos que nos seduzisse a permanecer nele. A biblioteca possuía um acervo interessante para os professores, mas era gerido com muita burocracia e restringia o acesso dos alunos; a sala de vídeo só podia ser usada para aulas; a área do jardim com pouco cuidado e sem bancos era proibida aos alunos; não havia lugares prazerosos e convidativos. As pessoas desejavam estar, principalmente, fora do prédio.

Diante este panorama foi elaborada e apresentada a primeira ação de uso do espaço escolar, que fosse além do conceito de aula formal: um grupo livre de estudos do violão. Outras iniciativas de uso e interferência no espaço escolar se seguiram a esta, como exemplo as derivas no jardim para apreciação das folhagens e uso das mesmas em exercícios com tinta e corpo, estimulando a motricidade dos alunos de 6 e 7 anos; jogos pré expressivos corporais fazendo analogia com os corpos expressivos das árvores; criação e contação de estórias em grupo; desenhos de observação ao ar livre. Todas elas buscavam permitir que os alunos experimentassem lugares pouco habituais, no que diz respeito ao espaço físico da escola, mas também as suas descobertas corporais e motoras.

O amálgama de todas estas ações é a construção da noção de pertencimento ao espaço, conhecendo as dimensões territoriais e refletindo sobre sua importância na construção de um ambiente mais acolhedor. Abaixo descrevo a ação mencionada bem como outras ações que repercutiram no ambiente escolar.

Grupo de estudos do violão – Surgiu, como ideia inicial, a constituição de um grupo de estudos do violão, grupo este que tem como objetivo conhecer e aprofundar-se no

instrumento. Não haveria professora (es), não haveria separação por idades, apenas exercícios e dedicação. Realizada a primeira sondagem de interesse, foram identificados 35 alunos do ensino fundamental II que gostariam de fazer parte do grupo de estudo. Essa demanda foi usada como argumento no processo de montagem do projeto e aquisição de espaço físico para nossos encontros. Depois de concluídos os trâmites, partimos para a divulgação e convite aos participantes. Alguns foram convidados pessoal e estrategicamente, pois tinham conhecimento do instrumento e poderiam ajudar os inexperientes. A estes, fiz a proposta de montarem exercícios para orientarem subgrupos de interesses. Se por um lado, os alunos participantes não trouxeram nenhuma dificuldade ao começarem os encontros, participando efetivamente, contribuindo com a aprendizagem dos novatos e utilizando o espaço físico da escola com propriedade, por outro lado a escola precisou tomar medidas de cautela para garantir a segurança e organização. A escola alegava ser necessário encaminhar o projeto para a diretoria regional com a finalidade de ser aprovado sob determinadas condições: não permissão de entrada de pais para acompanhar as aulas, nem mesmo para levar o violão ao fim do encontro; impossibilidade de os alunos estarem numa sala sem o acompanhamento contínuo da professora proponente, dificultando a construção de subgrupos de estudos que se articulavam em diferentes espaços, alegação de falta de funcionários para abrir o portão aos alunos, criando momentaneamente um desconforto aos funcionários responsáveis. Depois de entregue o projeto escrito à diretoria da escola, essa o encaminhou à diretoria regional para que tivessem ciência e consentissem com o projeto. Esse trâmite demorou cerca de três meses, período no qual a ansiedade tomou conta de todos que queriam participar. Nessa etapa do processo quase metade dos interessados desistiram, pois não acreditavam que poderia haver consentimento. Havia restrições constantes na escola o que ajudou a construir a ideia de um espaço sem diálogos.

Após a validação do projeto os encontros passaram a acontecer no pátio coberto da escola (no centro do pátio há um palco usado para apresentações e informativos coletivos), transcorridos dois meses, alguns alunos do Fund. I (1º ao 5º ano do ciclo básico) quiseram participar, então convidei os pais para tirarem dúvidas e orientá-los. A

participação de alunos menores de doze anos trouxe algumas características novas ao grupo, pois aumentou a participação dos pais nas atividades artísticas. Consolidou uma etapa com presenças mais constantes, ao contrário dos adolescentes do fundamental II que têm maior tendência a mudanças de interesses.

Como é próprio de um grupo de estudos, todos estão aprendendo e avaliando ao mesmo instante e, o fato de a professora propositora se colocar (também) como aluna, tanto quanto os seus próprios, ajudou a estabelecer um laço afetivo no aprendizado, pois eles perceberam na prática que estamos lidando com dificuldades e acertos que se referem não apenas às crianças, mas ao ser humano.

O violão é um instrumento de fácil manuseio, baixo custo, muita versatilidade e bem popular. Desde a adolescência desejei dominar algumas técnicas, e tendo um instrumento e um possível espaço, por que não recomeçar? Assumi, então, o gerenciamento dos nossos encontros com o objetivo geral de poder aprender técnicas de violão e objetivo específico de somar à pesquisa da construção do Ateliê escola. A postura usada, desde o convite, foi a de que seria um grupo de estudo e que, portanto, todos poderiam e deveriam ensinar, propor, escutar, exercitar, opinar, reconstruir, transformar o grupo numa referência de auto estudo na escola. No começo dos encontros os alunos mais velhos e com mais conhecimento tomaram a frente apresentando suas potencialidades e passando exercícios de treino e ritmo aos demais. Na sequência criei um catálogo de exercícios e músicas que pudessem ser compartilhados, adquiri uma apostila com fundamentos de violão para iniciantes e distribuí a todos.

Rubens Alves, ao conhecer a Escola da Ponte, ficou surpreso ao notar que os alunos ajudavam aos outros conforme seu conhecimento:

“... "Escola da Ponte" é assim. As crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é exceção. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela sala imensa.” (ALVES, 2001, p.05).

A ousadia de propor, não apenas um grupo de estudos, mas antes uma possibilidade grupal de auto estudo libertário, na medida em que não há provas, chamadas nem mesmo professora que detenha todo o conhecimento necessário, é desconfortante para os que apenas observam, pois se colocam distante da experiência. Estar na experiência suscita reações diferentes no sujeito que as vive e no sujeito que as observa, Larossa em seu livro *Linguagem e educação depois de Babel* diz sobre saber e o saber da experiência:

“...a primeira coisa que eu gostaria de dizer sobre o saber da experiência é que há que separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação, sobre as coisas, quando se está informado. Em segundo lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também cancela nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça.” (LAROSSA, 2004, p. 154)

Assim, a experiência é aqui compreendida na amplitude do fazer, do colocar-se, do arriscar-se, do conhecer-se na prática, e gerada a afetação ela eclode saberes nos indivíduos que os estimulam a buscar sempre mais. As pessoas que se sujeitam a vida a partir das experiências são críticas, seletivas, curiosas, inquietantes, corajosas, criativas (FERRIÈRE 1946), sabem que podem sempre mais; ora essas características são também encontradas nos alunos considerados “problema”, e temos alguns desses “problemas” no grupo de estudo. Contrariando as expectativas dos gestores da escola, (um dos argumentos levantados pela gestão escolar, foi a de que os alunos não teriam disciplina para estudarem neste formato, pois só queriam estar na escola como recreação) os alunos coabitaram um espaço/experiência onde as diferenças foram o amálgama da relação. Precipitaram-se a se ajudarem e ouvirem os exercícios conquistados, além de exercitarem autonomia nas suas aprendizagens. Os jovens “problema” questionavam a inflexibilidade da escola e se colocaram dispostos a criar rupturas, sendo sujeitos modernos no conceito que Larossa observa:

“O sujeito moderno se relaciona com o acontecimento do ponto de vista da ação. Tudo é pretexto para sua atividade. Sempre está desejando fazer algo, produzir algo, concertar algo.” (LAROSSA, 2004, pág. 159)

Com certeza a observação que Larossa faz é pertinente a muitos alunos da escola, e é surpreendente o quanto eles se dedicam a uma tarefa quando esta faz parte de um planejamento do sujeito e não de uma pessoa externa que acredita saber o que é melhor para eles. Rubem Alves, ao conhecer a Escola da Ponte, ficou encantado com a eficiência do ensino numa prática tão libertadora e concluiu após algumas observações que o desejo motivava a aprendizagem, o aluno precisa criar elos com a coisa estudada:

“Por que é que a aprendizagem da linguagem é tão perfeita, sendo tão informal e tão sem ordem certa? Porque ela vai acontecendo seguindo a experiência vital da criança: o falar vai colado à experiência que está acontecendo no presente. Somente aquilo que é vital é aprendido. Por que é que, a despeito de toda pedagogia, as crianças tem dificuldades em aprender nas escolas? Por que nas escolas o ensinado não vai colado à vida. Isso explica o desinteresse dos alunos pela escola.” (ALVES, 2001, p.07)

A dinâmica dos estudos se estendeu para fora da escola. Em primeiro lugar eles desejavam estudar mais horas a cada encontro, queriam também ter mais liberdade para usar espaços diversos durante os estudos, visto que o pátio não tinha acústica que ajudasse na prática musical e os deixavam passivos à curiosidade de todos da escola. Passamos a nos encontrar no parque que há nas imediações da escola e que é local frequente de visitas familiares aos fins de semana. Os encontros eram confirmados por *Whatsapp* (os alunos abriram e gerenciaram um grupo para dinamizar os diálogos), eventualmente por recados em sala e na maioria dos casos nos próprios encontros. A partir do momento em que os encontros foram para o parque, as famílias, alunos e professora puderam se conhecer e estabelecer laços ainda mais estreitos. Desses encontros surgiram histórias das famílias, vozes afinadas, mãos ágeis empoeiradas pelo tempo, risos e muita liberdade. O espaço do parque se mostrava como um espaço sem burocracia, sem normas, sem vigilância, um local familiar e afetuoso. Prazerosamente os encontros se estenderam de uma para três horas, sendo marcados conforme a vontade e as possibilidades do grupo, que está descobrindo sua própria dinâmica de comunhão e interesses, aprendendo a administrar as possibilidades que a escola lhes oferece e principalmente se conhecendo dentro desta proposta, um tanto anárquica, de organização dos estudos.

A repercussão poética das fotografias dos encontros, a potência latente dos instrumentos artísticos habitando o espaço concreto nos bancos de cimento, a musicalidade das cordas dos violões, resignificaram o ambiente, criando *flashes* poéticos no espaço e permitindo que quem visse pertencesse também ao acontecimento. Gaston Bachelard na sua obra *Poética do Espaço* diz sobre o impacto de uma poesia (seja ela visual ou de uma ação)

“A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos da dupla: ressonância-repercussão. Na ressonância, ouvimos o poema, na repercussão nós o falamos, pois é nosso. A repercussão opera uma revirada do ser. Parece que o ser do poeta é o nosso ser” (BACHELARD, 1988, p. 187).

Bachelard explora as possibilidades de pensarmos uma poética do espaço construída a partir das relações. O espaço não apenas possui uma força imagética de identificação, mas os sujeitos que os habitam emprestam certa personalidade a ele ou, como habitualmente falamos “o espaço possui uma alma”. Um espaço construído do interior para o exterior que, tocado por poesia, amplia e se reconfigura.

Criação de horta suspensa – nossa escola enfrentou diversas mudanças durante o ano de 2015. Um marco das mudanças foi a readequação das salas de aula com o objetivo de diminuir a evasão de alunos do ensino médio. Foi pedido que o ciclo fundamental I passasse a compor o corredor térreo, pois assim seria possível controlar as saídas dos alunos do ensino médio, que estariam no corredor do primeiro andar cercados por portões e cadeados. Essa dinâmica de mudança das salas incluiu: retirada dos materiais educativos; recolhimento das atividades pedagógicas expostas na sala; esvaziamento dos armários; troca das carteiras; troca das fechaduras quebradas; redobrar o controle no uso dos banheiros (que ficam no primeiro andar) exclusivo das crianças menores; readequação do ambiente para receber os pequenos (visto que as carteiras e paredes continham palavrões, desenhos obscenos e pichações), entre outras pequenas adequações de ritmo e espaço físico. As salas novas tinham um aspecto de abandono, as professoras do ciclo I decoraram as paredes com colagens e enfeites coloridos para permitir estarem em um ambiente um pouco mais acolhedor. Com a mudança os alunos do ciclo I (1º ao 4º ano) ganharam uma bela vista para nosso jardim

(pouco visitado pelos estudantes), sol em abundância e mais claridade. Diante deste quadro achei urgente dar início ao projeto que tinha em mente, que dialogou com o conteúdo a ser trabalhado no plano de ensino de Artes, e teve o nome de ‘*horta suspensa*’. Transformando o aspecto das salas por meio das mudas, plantas aromáticas e das relações estabelecidas com a iniciativa.

No projeto ampliamos o conceito de sustentabilidade (conteúdo previsto para o bimestre das turmas que participaram) aproveitando materiais reutilizáveis como garrafas pets, para construir vasos, semear plantas e observar seus ciclos de crescimento. Os alunos que estiveram presentes neste projeto foram os de 5 a 8 anos (1º e 2º anos). Semeamos orégano, ofertadas por uma mãe e sementes de linhaça, ofertadas por mim. Construimos nossos vasos, colhemos pedras para a filtragem da água armazenada no reservatório, escolhemos a melhor terra adubada, e por fim plantamos as sementes que foram ansiosamente aguardadas no seu despertar. Durante todo o processo, o jardim foi um local corriqueiramente visitado para que os alunos percebessem a dinâmica das florescências, declínios e fim, brincamos entre árvores, observamos algumas sementes, comemos amoras das árvores, nos escondemos atrás dos arbustos, desenhamos ao ar livre, contamos histórias nas sombras dos grandes pinheiros, perambulamos à deriva, contemplamos o jardim por nossa janela, aproveitamos os dias de sol e a chegada da primavera.

A feitura da horta trouxe para nossas salas um aspecto carinhoso, sensível, mais humano. Para facilitar o entendimento das etapas de desenvolvimento, usei como analogia a idade das crianças, criando um contraponto entre o que um bebê precisa no ambiente para poder crescer forte e saudável, tal como uma planta. Por meio desta analogia foi possível sensibilizar a todos a fim que o silêncio da sala ajudasse no bom desenvolvimento das sementes. É claro que junto à reflexão vieram inúmeras dúvidas sobre as sementes e as plantas: *Elas têm emoções? Porque elas morrem? Porque elas nascem? Quando saberemos que estão fortes? Podemos levá-las para casa?*⁴

⁴ Registros transcritos de dúvidas dos alunos, anotadas durante o processo de espera do desabrochar das sementes.

Passamos a alimentar diariamente as plantas que compunham, embelezava e impressionava a todos que as observavam. A curiosidade tomou conta dos alunos de outras salas que desejavam também ter suas plantas e ansiavam poder começar uma atividade semelhante. Outra observação foi a compreensão sensível dos danos causados pelo som alto e o que isso acarretava às pessoas e as plantas, materializando, portanto, o silêncio e a observação durante as aulas correntes. A questão do impacto do silêncio foi levantada a partir da observação de alguns alunos sobre o barulho excessivo na escola e o quanto isso incomodava a eles, prejudicando sua atenção e causando (às vezes) dor de cabeça. Por já terem experimentado o incômodo do ruído alto, foi fácil entender que as plantas também poderiam ser afetadas por fatores externos. Além disso, nas incursões aos jardins da escola, eles observaram que nem todas as plantas tinham um desenvolvimento igual e que muito era devido às condições em que estavam expostas.

Esta experiência trouxe outra afetação ao nosso ambiente: a sensação de silêncio grupal sem haver constrangimentos. Devido minha formação em grupos de teatro, depois como instrutora de yoga e praticante de meditação, entendia que era importante, podermos em grupo, experimentar a calma, o silêncio, a simples observação das coisas ao nosso redor, o contato com a natureza, experimentar novas texturas, contemplar diferentes reações diante do não habitual. Experimentamos alguns destes estímulos nas idas ao jardim, nos jogos pré expressivos aos quais foram possíveis estimular movimentações corporais extra cotidianas na sala de aula, embalados por músicas ou breves silêncios.

Metaforicamente alimentamos a terra ao mesmo tempo em que plantávamos raízes na nossa alma, criando pontes afetivas com os amigos, a terra, o nascimento, a morte. Um dos pontos marcantes dessa atividade foi resignificar a ideia usual de sala de aula, pois durante um ano as salas foram, também, jardins suspensos. Pelo período que abrigou as mudas, as salas eram constantemente visitadas por alunos de outros anos e funcionários da escola que desejavam ganhar as mudas que cultivávamos.

Mural animais marinhos – a ideia surgiu com o projeto “animais marinhos” que compunham o conteúdo anual do 3º ano do ciclo I. Em parceria com as professoras da sala, os alunos aprenderam a técnica de estêncil⁵, usada milenarmente por diversos povos para estampar imagens abstratas ou não. Inicialmente usamos as folhas dos nossos cadernos experimentando o traço, o corte e a prova com tinta, do resultado obtido observamos as falhas identificadas e refizemos a técnica para que eles adquirissem firmeza e refinamento nos cortes e impressão. Nesta etapa os desenhos produzidos foram simples, com o objetivo de compreender as etapas envolvidas. Logo após, passamos a uma sondagem sobre os animais que moram no mar e seus comportamentos. Foram produzidos inúmeros desenhos a partir desta temática, os quais reproduzi nos estênceis (feitos com lâminas de raio-x) para que eles pudessem experimentar a prova com tinta feita num material mais denso. Foram diversos testes, com resultados satisfatórios. Passamos então ao mural, usando a técnica adquirida, os desejos pulsantes e a vontade infinita de deixar suas marcas na história da escola.

A pintura do mural e o local escolhido para tanto foi estrategicamente pensado para a afirmação das práticas de poéticas na escola, trazendo divertimento aos pequenos que foram os beneficiados diretamente. O mural foi feito no corredor que dá acesso às salas dos anos iniciais. O corredor não havia sido pintado no ano anterior, apresentava pontos críticos onde o reboco estava aparente, uma passagem esteticamente mal cuidada. A escola não recebeu verbas para pintar a escola, portanto usamos os restos de tintas que encontramos dos anos anteriores. A ação foi afirmativa no sentido de permitir que os adolescentes reconhecessem que era possível reinventar o espaço da escola. Entre estes últimos fui questionada *porque orientei a pintura do mural, usando uma técnica de grafite com os alunos menores e não os escolhi?*⁶ Diante estes pequenos, mas firmes,

⁵ Não há muita precisão na data de surgimento da técnica. Foram encontrados registros de seu uso na Ásia por volta de 500 a.c. onde eram usadas, principalmente, nas estamparias de tecido. A técnica consiste em aplicar, com um molde vasado, uma forma figurativa ou abstrata sobre uma superfície, usando para isso a tinta apropriada a cada superfície. O *stencil* é uma técnica bastante recorrente aos artistas que tem a rua como lugar de expressão, sendo vistos em inúmeros grafites e lambe-lambe. Na sala de aula foram usados, inicialmente papéis A4 e posteriormente os transporte para lâminas de raio-X trazidas pelos alunos.

⁶ A reivindicação surgiu porque eles acreditavam ter mais domínio técnico para fazer pinturas nas paredes e principalmente por termos vários alunos do ensino médio que praticam o desenho

movimentos de afirmação da arte na melhoria dos espaços coletivos, em ressonância com minha estadia prolongada na escola, alguns grupos de estudantes do turno da manhã, passaram a me procurar pedindo orientações e ajuda com ensaios de atividades artísticas na escola, dado que desejavam, mas não achavam meios possíveis de isso acontecer no contra turno e sem apoio de professores.

Nessa dimensão do apoio ou suporte pôde-se observar o quanto o professor torna-se ponte entre as possibilidades e as realidades. No começo do exercício os alunos achavam que não tinham condições técnicas para pintar um corredor, acreditavam que quem deveria fazê-lo era a professora e eles apenas ajudariam. O contrário foi realizado, eles pintaram o corredor e as professoras envolvidas apenas os ajudaram.

Dos exercícios praticados em sala, com provas de tinta dos estênceis, nasceram dois livros de animais marinhos com frases poéticas e informativas descrevendo as imagens. Os livros representam as experiências de cada sala envolvida. Foram encadernados, assinados pela turma e sorteados ao fim das atividades letivas do ano de 2015. Uma cópia ficou como registro de atividade para o acervo da escola.

Confecção de monstros do imaginário – foi a primeira atividade que demandou a necessidade de uma sala apropriada para trabalharmos, assim como flexibilidade de trocar o quadro de horários das aulas de artes⁷ no semestre em que foi realizado o projeto. Os acordos foram feitos diretamente com as professoras das salas

artisticamente. A abordagem se mostrou muito mais como um convite à novas ações na escola, do que um interrogatório a cerca de qualidades técnicas.

⁷ O ministério da educação prevê que as aulas de artes devam ocorrer, em qualquer ciclo, duas vezes na semana com cinquenta minutos cada. As duas aulas de artes da semana não podem, preferencialmente, ser no mesmo dia, pois são entendidas como momentos de lazer e descontração. No plano educacional a disciplina de Artes tem conteúdo e prevê avaliações. Na distribuição dos horários de aula, a preferência às aulas duplas são das disciplinas de matemática e português. A diretoria alega que as aulas duplas de artes são propensas a deixar os alunos desatentos, portanto as atividades devem ser planejadas pensando em encontros com duração máxima de cinquenta minutos. O acordo feito na escola para que tivéssemos aulas seguidas, foi conseguido conforme conversa particular e individual com as professoras da sala.

que assistiam e participavam das atividades. A secretaria de Educação de São Paulo determina que os professores de ciclo I assistam as aulas de especialistas (artes e educação física), portanto nossos encontros tinham sempre dois professores, um orientando a aula e outro disponível a ajudar em qualquer coisa necessária. A mudança no quadro de aulas foi fundamental para a concretização do projeto, visto que duas aulas de cinquenta minutos feitas em dias separados não permitiriam o aprofundamento necessário na interação com os materiais plásticos.

Partindo do estímulo criativo, apoiando-se em memórias, selecionando e manipulando os materiais recicláveis potencialmente expressivos, os alunos dos 5º anos do ensino fundamental I vivenciaram a imersão num trabalho desenvolvido em grupo, mas criado individualmente, usando técnicas de papel machê, colagem, recortes, montagem e pintura, confeccionando esculturas com o uso de materiais recicláveis a partir de encontros semanais vividos no período de março a maio de 2015. O conteúdo disciplinar foi o conceito de reutilização de lixo reciclável que foi aprofundado com a professora de sala e experimentado no Ateliê como criações individuais de mini esculturas. A primeira etapa foi seleção, limpeza e preparação dos materiais que foram descartados nas residências dos alunos. Em seguida desenhamos diversos monstros para estimular a criação e formar um catálogo de onde escolheríamos por fim o que se tornaria escultura. Nessa etapa da pesquisa improvisamos na sala de vídeo uma estrutura de suporte para materiais como baldes com água, jornais secos e molhados, arames, frascos vazios e os projetos de monstros de cada aluno. A bancada abrigava os materiais enquanto os alunos preferiram o chão para moldar, cortar, misturar a massa do papel machê, pintar, observar, conversar, criar enfim. Algumas esculturas foram montadas iguais ao projeto do desenho, outras se transformaram completamente a partir da prática de manuseio com os materiais. Dois viés de criação: um que parte da experiência tátil com o material e que suscita caminhos possíveis para se aproximar do desenho criado; outro tem o desenho criado como objetivo e investigará quais materiais tem afinidade estética com o desenho original. Todas as criações conseguiram estampar a originalidade na composição dos seres imaginados e, portanto tiveram um resultado plástico que impressionaram os demais alunos da escola.

A ideia de criarmos monstros foi devido a certo fascínio que os jovens, das salas envolvidas, possuem por tudo que é diferente, esquisito, *gauche*⁸. O que constatamos durante o processo foi o elo sentimental estabelecido com seus monstros, uma espécie de transferência de personalidade, pois as características ressaltadas nas esculturas eram aspectos revelados do próprio escultor, tanto pela estética proposta quanto pelas observações nos comentários. Devido ao período prolongado em que utilizamos a sala, esta passou naturalmente a ser chamada, entre os alunos de ‘sala de artes’, tornando-se referência no turno vespertino e causando curiosidade em visitá-la, pois se sabia que daquele lugar ‘nasciam’ coisas. O aspecto mágico que revestiu a sala de arte, sala com potência de criação, como se de certa forma a sala transformasse a atitude criativa dos alunos, estimulou a forma de se pôr nas atividades em grupo. O que vivíamos ali, duas horas semanalmente, só nós sabíamos, mas o que foi mostrado à escola era o resultado do refinamento de pensamentos, sugestões, experimentações, era uma criação pautada na experiência, no saber.

Nesta atividade, assim como em outras de trabalho corporal, os alunos que mais se destacaram com ideias e execuções foram os mesmos que têm enorme dificuldade no letramento e cálculo, também por isso os encontros no Ateliê lhes foram tão preciosos e esperados, dado que naquele espaço eram reconhecidas suas múltiplas inteligências. Ora, se fizermos um esforço em olharmos a sala de artes sob o prisma dos alunos, notaremos que a aura mágica instaurada vinha justamente da percepção de que, naquele espaço aconteciam eventos verdadeiramente surpreendentes: o lixo que entrava se transforma em objetos de arte. Os alunos com dificuldade em matemática mostravam-se ágeis nos cálculos mentais para produzir o equilíbrio desejado nas esculturas de solo; as dificuldades de comunicação encontradas no desenho de projeto e mesmo no cotidiano das aulas foram facilmente sanadas a partir da construção tridimensional do objeto; a experiência coletiva de senso de grupo, o respeito e a noção de pertencimento deflagrado nas ações dos alunos mais agressivos. Foram evidenciados e elogiados por todos, e essa notória popularidade momentânea fortaleceu laços do grupo escolar e tocou diretamente na autoestima dos ‘escultores’ envolvidos. De fato, houve mudanças

⁸ Referência ao Poema de Sete Faces de Carlos Drummond de Andrade.

que saíram do campo físico dos materiais e se firmaram no campo psicofísico dos participantes. Alguns passaram a falar com mais clareza sobre si e sobre suas criações, outros avançaram na dinâmica de trabalhos em grupos sendo mais gentis e disponíveis, teve, inclusive, os que reconheceram que eram bons desenhistas.

A estrutura firme das esculturas permitiu que fossem transportadas para a Unicamp compondo o *VII Seminário Fala Outra Escola*⁹, realizado pela Faculdade de Educação, na qualidade de mostra de trabalhos artísticos. Com o tema norteador: “O teu olhar Trans-forma o meu?”, cujo objetivo foi suscitar o diálogo, entre os participantes, às inúmeras possibilidades de respostas que a questão evoca, uma vez que cada um traz, por meio da experiência, seu próprio olhar. A pluralidade e a diferença se impõem como um ponto de partida para tratar das possibilidades de impacto/mudança nas pessoas e nos espaços, norteadas por criações artísticas, bem como a construção protagonista dos alunos/criadores. O encontro reuniu educadores de diversos estados, alguns atuando na base da educação, nas séries iniciais e finais, outros convidados atuantes nas pesquisas, pós-graduações, faculdades, em que atuam com ousadia nos espaços escolares/artísticos, trazendo à luz da reflexão a potência do fazer artístico, seja na escola pública ou privada.

O evento ocorreu no período de férias escolares, dificultando a possibilidade de alguns alunos irem representar a escola. Em contrapartida montamos uma exposição para que toda a escola pudesse conhecer os trabalhos criados. Mais uma vez usamos a sala como local de fruição estética, criando setores e aproveitando os móveis da sala numa curadoria que remetesse uma invasão de monstros. Os alunos criadores foram os monitores da exposição, convidando todas as salas do período vespertino e tirando dúvidas pertinentes ao processo.

O impacto da exposição aumentou a estima dos criadores, porém não impediu que a coordenação e gestão transformassem a sala (que inicialmente era usada como sala de vídeo e brincadeiras, tendo tatames para forrar o chão) em um espaço comum com

⁹ Seminário Fala Outra Escola é uma iniciativa da Faculdade de Educação, da Universidade de Campinas – Unicamp – que tem como objetivo criar um espaço para as diversas vozes veicularem suas produções, seja na forma de mesa-redonda, palestras, diálogos ou pôsteres.

carteiras lotando o ambiente, usando como argumento principal o conforto dos alunos para assistirem vídeos. Nosso ciclo perdeu uma sala espaçosa e livre para os encontros em detrimento de mais um espaço formal. A alegação foi a de que o espaço não estava sendo amplamente aproveitado, visto que era apenas uma sala vazia com três mesas e tatames. Fomos informados da mudança quando a escola já tinha comprado os novos mobiliários e aguardavam sua chegada. Na perspectiva do olhar de gestão da escola essa foi uma importante iniciativa. A decisão foi tomada sem haver consultas com todos os professores que usavam a sala. A possibilidade dessa sala sediar o Ateliê Escola havia se distanciado, era preciso encontrar outro possível lugar para abrigar nossas ações.

Perceber as potencialidades de um espaço e administrá-lo para a realidade de uma escola que desejamos construir, demanda a união do grupo de funcionários sob um mesmo objetivo. Por diversos fatores, nossa escola encontrou-se em mudanças constantes e abruptas em 2014 e 2015, o que afetou consideravelmente o corpo docente e administrativo. Criou rupturas de projetos em andamento, afrouxou o diálogo unificado permitindo então ações específicas que não solucionavam a situação em longo prazo. Encerramos o ano de 2015 com fortes conquistas de vínculos estabelecidos entre professores, alunos e comunidade, por outro lado a gestão estava precária, ausente e limitando-se a fazer menos que o diariamente necessário.

A firmeza com a continuidade da pesquisa se deu a partir da observação crítica que a escola é um lugar potente e vivo. Tudo que está vivo está sujeito às crises e, portanto é mais proveitoso entendermos os benefícios que ela pode nos trazer ao invés de investir forças para que elas acabem.

A pesquisa apresentada foi tomando corpo e ciência de si com base nas leituras mais amplas no campo das artes, que refina o olhar e a ação em busca de um espaço escolar que afete, que produza materiais artísticos e que dialogue mais amplamente com a comunidade. Alguns locais e experiências existentes serviram como base de reflexão na constituição da pesquisa. A Escola da Ponte¹⁰ foi uma referência no que diz respeito o

¹⁰ Escola da Ponte – Fundada em 1976 pelo pedagogo José Pacheco, a escola surgiu da influência do Movimento da Escola Nova, cujo objetivo central foi propor uma escola diferente, usando métodos

gerenciamento de pessoas, do espaço e das aprendizagens, tendo como premissa uma educação para a liberdade, pautando-se na autonomia e na construção do sujeito. O trabalho manual com terra, madeira e outros materiais; a separação de turmas a partir dos interesses e não das idades; a ideia de aluno/professor; a prática de atividades em contato com a natureza, sem divisões ou paredes; a percepção das habilidades adquiridas, são práticas que fundamentam a Escola da Ponte e, somadas à dedicação e interesse, atestam a eficácia do modelo. Respeitadas as proporções, a pesquisa-ação apresentou os itens citados aos alunos, na esperança de transformar o olhar dos mesmos e conseqüentemente a forma de se relacionar com a escola. O diálogo com os alunos que frequentam as atividades e o próprio espaço (atualmente tem uma sala) é de que o Ateliê é uma construção coletiva, que tem como objetivo permitir que possamos nos conhecer ao máximo, nos expressando nas diferentes linguagens artísticas.

REFLEXÕES DO IMPACTO DA PESQUISA

A oportunidade de atuar numa escola pública se deu no mesmo período de ingresso no Mestrado Profissional em Artes e, portanto o relacionamento com estes dois espaços desconhecidos até o momento culminaram numa intensa relação de ação, diálogo e reflexão. Dado o mergulho inicial no mestrado e na pesquisa, as ações foram abrangendo campos distintos e complementares. Era necessário estar extensiva e intensamente implicada nas situações cotidianas da escola. Denominei minhas ações como frentes, que entrelaçavam-se em comunicação, interação e ação.

Frente educativa

Frente artística

Frente política

educacionais alternativos, que reconhecessem a autonomia do sujeito firmando-o como ser pleno, criativo e feliz.

Na *Frente Educativa* está a relação do processo de ensino e aprendizagem, no ato de orientar e criar situações no cotidiano escolar. Nesta esfera entram os planejamentos de aulas, as técnicas usadas e as formas de comunicação com os alunos. Outra forma de colocar-me na pesquisa foi atuando na *Frente Artística*, permitindo-me, sempre que possível, criar e fruir com os alunos (com desenhos, com jogos teatrais, com materiais plásticos, com instrumentos musicais, com coreografias de dança, nas idas ao jardim, etc.). Na qualidade de uma interação holística e polivalente na arte, estas incursões deflagaram estímulos estéticos que afetaram aos envolvidos na medida em que os mesmos permitiam ser modificados. Era preciso vivenciar não apenas os espaços, mas também a forma de se estar nele. O conceito da visão holística, nas relações tratadas, veio como impulso a partir do estudo do método Waldorf, fundamentado no conceito de saúde plena do ser humano, para isso seriam trabalhados aspectos motores, sensitivos e espirituais.

A terceira frente, a *Frente Política*, é onde os argumentos, diálogos, escritas, acordos e desdobramentos foram fundamentais para que se compreendesse as ações executadas na escola, bem como o material artístico/ estético produzido por alunos. Nessa instância estão inseridas as conversas diretas e indiretas com os pais dos alunos; os diálogos com a direção para podermos usar os espaços diversos da escola e fazer-se entender nas práticas propostas; as conversas e acordos com outros professores para permitir mudanças no horário de aula, ou que os exercícios propostos se estendssem nas aulas subsequentes de outras disciplinas, etc..

Neste sentido a pesquisa é cúmplice da ação. Ela ocorre de forma integral quando os sujeitos envolvidos estão refletindo, fazendo e observando, criando um percurso de mão dupla e conquistando o equilíbrio para que as frentes tenham o mesmo impacto.

No que diz respeito aos discentes, é notável a disposição e participação quando os mesmos percebem que a dinâmica é justamente alicercada para uma aprendizagem que dialogue com seus anseios de vida, que os faça refletir sobre sua natureza, sua capacidade criativa e principalmente a repercussão que provoca no outro. O manuseio de materiais, sensações, corpos, espaços lhes interessam e provocam um senso de organização grupal respaldando a experiência a fim de que ela aconteça de maneira

honesto. A ideia de criar e gerenciar o Ateliê Escola apresenta um conceito de espaço que é o cerne da pesquisa, o espaço da criação e da liberdade.

O ESPAÇO POSSÍVEL

A educação é intrínseca da humanidade. Dado a característica dinâmica dos grupos sociais os modelos educacionais precisam ser diversos e constantemente reavaliados para que dialogue com a atualidade. Existem inúmeras escolas e métodos que são referências na construção de modelos atuais de escolas alternativas, dentre elas destaco a *Escola da Ponte*¹¹, *Pedagogia Waldorf*¹² e *Método Montessori*¹³ tendo representatividade na maior parte do Brasil. Os métodos citados possuem em comum o estímulo da

¹¹ *Escola da Ponte* – Surgiu em 1976, pelo pedagogo José Pacheco, com base nas ideias de Célestin Freinet e as escolas democráticas. Visa a autonomia e o protagonismo do aluno. O método não compreende turmas divididas por idade; não possui disciplinas; os professores orientam a todos; os alunos decidem o conteúdo a ser estudado, bem como o momento de se submeterem a nova etapa. Os conteúdos são pensados a partir do cotidiano dos alunos, criando pontes de saberes.

¹² *Pedagogia Waldorf* – Sistematizada por volta de 1920, pelo pedagogo, filósofo e artista Rudolf Steiner, a pedido da classe operária das fábricas onde palestrava. A escola tem como base a Antroposofia “que é o caminho do conhecimento que responde às indagações do homem moderno sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre as relações humanas para as quais a ciência atual ainda não encontrou respostas” segundo definição no site. Trabalha intensamente a relação do homem com a terra, as artes e a espiritualidade.

¹³ Método Montessori – Sistematizado a partir de 1907 por Maria Montessori, médica, professora de psiquiatria, pedagoga e criadora dos materiais didáticos usados no Lar dos Meninos, instituição de abrigo de crianças onde iniciou a prática de seu método de letramento e educação. É um conjunto de teorias, práticas e materiais didáticos criados para “possibilitar o surgimento a verdadeira natureza do indivíduo”.

autonomia no processo de ensino aprendizagem permitindo que o aluno faça suas escolhas e esteja consciente dos valores apreendidos. Nestes métodos a forma como os alunos se dividem em grupos de aprendizagem e o espaço geográfico da escola que sempre observa a importância de locais arborizados, canteiros de plantas, espaços para brincar ao ar livre e objetos que estimulem o tato e o jogo demonstra algumas experiências de métodos alternativos que toma como pauta o respeito pelo processo de aprendizagem.

No caso da Escola da Ponte, a administração acontece de forma mais política que as demais, tendo a participação constante dos alunos e comunidade no processo de gerenciamento do espaço e da aprendizagem. Utilizo algumas experiências e práticas de gerenciamento nas ações de *Frente Política* (pág.25) na escola, dado a semelhança dos conteúdos e discussões. Quando participo de reuniões da instituição, ou mesmo quando ofereço horários extras de estudos na escola, provooco e convido a família a opinar, orientar e gerenciar estes núcleos de saberes. Noto que quanto mais a família está inserida, mais flexível e construtiva ficam os encontros, tanto entre famílias quanto na vida escolar. A escola fundada por José Pacheco foi entregue à própria comunidade, que desde então toma frente da instituição, sendo reconhecida como um exemplo de método educacional contemporâneo, por ser atual e ímpar no gerenciamento pedagógico proposto.

O método Montessori se classifica com ações concretas e motoras. Foi desenvolvido a partir da observação assídua a crianças com diagnóstico de dificuldades na aprendizagem, que foram retiradas da escola sob a alegação que as mesmas não conseguiriam atingir nem mesmo o letramento. A médica Maria Montessori criou diversos jogos, brinquedos e materiais didáticos pautados na necessidade destes alunos dos ciclos iniciais, portadores de déficit de aprendizagem. A disciplina, a correção constante dos exercícios, a (re) elaboração meticulosa dos objetos educacionais foram a base de sustento da sua pesquisa. Dadas as devidas proporções, os educadores interessados em uma mudança no sistema de educação, têm como premissa a mesma inconformidade de Montessori e atuam diariamente com ações educativas diferenciadas dentro e fora das salas de aula. Uma pesquisa constante sobre como pode ser melhorado

o processo de ensino e aprendizagem aos alunos considerados “problemas” nas escolas. A *frente educacional* da pesquisa aprofunda-se neste conceito de Montessori em partir do pressuposto que todos podem aprender, basta entendermos as dificuldades dos alunos para pensarmos em formas diferentes de apresentar o conteúdo. Na disciplina de Artes é possível visitar um conteúdo sob o prisma do desenho ou da dança ou da representação ou da fotografia com a finalidade do sujeito compreender o conteúdo e perceber os diversos caminhos que levam a concretização

A pedagogia Waldorf é tradicionalmente conhecida como a escola das sensações, pois está pautada nas experiências artísticas, laboratoriais e sensitivas. Rudolf Steiner foi o organizador do método e baseou-se na antroposofia¹⁴ para estruturar um modelo educacional no qual o indivíduo desenvolvesse o cognitivo, o motor e o espiritual. A associação com o método de Steiner se dá a partir da *frente artística*, na qual a fruição e o desbloqueio criativo são estimulados constantemente.

A afinidade com os métodos acima citados são a justa compreensão e aplicação de um encontro que privilegie o ser humano. O modelo atual de nossa educação denuncia a fragilidade e inutilidade dos conteúdos, além da obrigatoriedade do estudo. A presença dos alunos, talvez, ainda se dê devido à potência dos encontros nestes espaços, os afetos construídos, as amizades conquistadas, justamente um dos pontos menos valorizados na dinâmica escolar. Vale lembrar que os modelos citados surgiram no início do século XX, mas dada sua flexibilidade, dialogam com as fragilidades contemporâneas do modelo padrão da escola pública. Nessa perspectiva educacional adotada o aluno passa por um processo de autoconhecimento, respeitando suas dificuldades e tornando-se um ser mais sensível às questões sociais contemporâneas, completamente adversas aos métodos conteudistas, que treinam o aluno para os acertos e não para as descobertas.

As escolas com métodos alternativas, no Brasil são em geral de natureza privada, portanto, grande parte da sociedade não tem acesso às discussões e práticas diferenciadas, tampouco devemos pensar que apenas trocar o modelo de ensino seria a

¹⁴ Antroposofia - Introduzida no início do século XX pelo austríaco Rudolf Steiner, pode ser caracterizada como um método de conhecimento da natureza do ser humano e do universo, que amplia o conhecimento obtido pelo método científico convencional, bem como a sua aplicação em praticamente todas as áreas da vida humana.

solução para o fracasso educacional, mas devemos sim conhecer métodos diferentes para ampliar as possibilidades reais de introdução de novos conceitos, identificando os pontos favoráveis ao grupo. A noção de materialidade para aquisição de conhecimento lógico, os jogos teatrais e lúdicos como catalizador das expressões, a liberdade de propor seu próprio plano de aprendizagem para o desenvolvimento da autonomia, a vivência mais intensa com a natureza para o auto conhecimento, a possibilidade de criar momentos de fruição livre, são alguns exemplos de medidas práticas que podem ser adotadas na rede pública. Se faz mister “desaprender” os métodos atuais para entender o novo que precisa surgir tal como nos lembra Rubem Alves na sua crônica jornalística sobre a Escola Nova:

“Para entender é preciso esquecer quase tudo o que sabemos. A sabedoria precisa de esquecimento. Esquecer é livrar-se dos jeitos de ser que se sedimentaram em nós, e que nos levam a crer que as coisas têm de ser do jeito como são. Não. Não é preciso que as coisas continuem a ser do jeito como são.” (ALVES, 2000, pág.11)

A urgência em propor mudanças na educação, fez e ainda faz inúmeras pessoas refletirem, pesquisarem e colocarem em prática métodos alternativos. Sua aplicação implica em mais dúvidas, reflexões e questionamentos que é base de qualquer procedimento saudável de pesquisa. Sair do lugar comum para procurar novas possibilidades pode nos dar ideia de instabilidade, de caos e nos paralisar momentaneamente, mas tal qual uma criança faz ao perceber-se diante de um desafio, vamos tateando sensorialmente o terreno e as possibilidades para então superar a situação em questão.

A escola ocupa um espaço territorial físico que permite que as pessoas a identifiquem, tornando-se um ponto de referência. Mas principalmente, a escola ocupa um espaço político social, chegando às casas das famílias, a gabinetes de políticos, às rodas de conversas dos professores, livros e outros lugares que encontre acolhimento, até que seja compreendido que a escola é a potência do encontro. Uma escola considerada boa (perguntado a pais e alunos) é um espaço onde as pessoas têm bons encontros. O que é ter bons encontros na educação? Se pensarmos no campo sensorial, emotivo e psicomotor, bons encontros são possíveis quando os sujeitos envolvidos apreendem sobre o outro e a si mesmo gerando o conhecimento impactante do saber ser

ou fazer. Todo lugar que proporcione aos sujeitos esta imersão causará, nos mesmos, um elo sentimental, certo senso de proteção ao ambiente que por ter sido íntimo (no sentido de ter tocado algo muito individual) desenha-se nas lembranças como um lugar precioso.

Este lugar que me proponho a consolidar na escola é um espaço físico concreto, onde os sujeitos possam habitar e modificar conforme as necessidades estéticas, mas também se mostra como um espaço da confiança, da auto entrega, da observação sadia e sem críticas sobre suas conquistas. Torna-se importante no sentido de catalisar e organizar os processos criativos que ocorrem a partir do espaço escolar, tornando-se uma referência e suporte de consulta, de discussão, de feitura, de fruição estética, de direção de ideias, de derivas.

Constitui-se em linguagem poética, o reduto de criação artística, a função primordial do Ateliê, sendo um espaço constituído por pessoas e ferramentas de criação, que por sua vez o alimenta, criando assim um ritmo orgânico de amadurecimento e auto gerência. Por outra leitura este espaço também é constituído de subjetividades, as quais não precisam necessariamente de uma sala para coexistir, haja visto os exemplos das práticas citadas anteriormente onde o espaço de expressão rapidamente se consolidou fora, em primeiro lugar porque havia urgência em visitar os arredores da escola e em segundo porque não foi possível garantir, dentro do tempo de pesquisa e das incertezas do governo do estado, um local físico apropriado para a montagem do Ateliê Escola.

A ideia de um ateliê na escola está se apresentando aos alunos, através da pesquisa. É possível observar que muitos alunos desejavam ter (na escola) um espaço próprio a este fim de criações artísticas. Também a escola, recentemente, se mostrou interessada em construir um espaço próprio e ambientado para os encontros de arte, vindo em consonância com as ideias aqui apresentadas e, sem que soubessem do objeto de estudo desta pesquisa. Logo, percebo que as indagações e sugestões pertencem a uma geração, não no sentido restrito de idade, mas no sentido de estar atento as urgências de uma época e de um grupo.

Estes anseios são compartilhados por alunos, educadores, famílias, gestores de outras instituições e cidades. Se pensarmos, por exemplo, na importância de trabalhar

com a terra, as plantas e seus ciclos notaremos que o discurso não é isolado nas grandes cidades concretadas e individualizadas, a discussão perpassa os quilombos, assentamentos, áreas rurais, localidades isoladas, entre outros tantos lugares porque é uma discussão própria de uma época, de uma geração e que afeta à muitos.

O mesmo pensamento pode ser usado para refletirmos sobre o papel da arte na escola, pois a questão que tange a todos no ambiente escolar é a falta de liberdade. A arte propõe justamente o contrário, ela liberta pensamentos, atos, sugestões e sujeitos para reconhecerem a si, seus gostos e valores. É uma urgência contemporânea porque diz respeito às realizações, às criações, às marcas culturais que o homem deixa.

Por fim é preciso ressaltar que esta reflexão é um recorte temporal da pesquisa e que, por estar caracterizada na metodologia de pesquisa ação é, portanto, dinâmica e passível às subjetividades humanas. Visto que lida diretamente com sujeitos e suas ações, as reverberações podem ser observadas a longa data, tal como uma planta no seu processo de crescimento constante, porém imperceptível na observação diária.

Quero dizer com isto que todos os sujeitos envolvidos foram e estão sob o impacto dos encontros e desejos aflorados, logo fica mais delicado falar em certezas, mas é imprescindível experimentar os possíveis rumos que o próprio ambiente vivo nos sugere.

Referências bibliográficas

- . ALVES, Rubens. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papyrus Editora, 2001.
- . BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antônio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- . BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Dídio. Brasília. Liber livro, 2002.
- . FERRIÈRE, Adolfo. *A escola ativa*. (1946). Lisboa, Portugal: Edições Àster, 1965.
- . FOUCAULT, Michel. *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- . LAROSSA, Jorge. *Linguagem e educação depois de Babel*. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- . MERLEAU-PONTY, Mauricio. *Fenomenologia da percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura, 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Sites:

Escola Waldorf: <http://ewrs.com.br/site/>

Escola da ponte: <http://www.escoladaponte.pt/site/>

Escola Montessori: <http://www.escolamontessori.com.br/NovoSite/index.php>

Uberlândia, dezembro de 2016

